



TEORIA E PRÁTICA: SERÁ QUE ESTOU PREPARADO?

Theory and practice: Am I prepared?

Diego Gomes de Azevedo

Discente do 7º semestre do curso de Ciências Econômicas na Universidade Federal de Mato Grosso/ Campus Cuiabá.

Gabriela de Lourdes Pinto de Oliveira

Discente do 7º semestre do curso de Ciências Econômicas na Universidade Federal de Mato Grosso/ Campus Cuiabá.

Laís Santos Ghisi

Discente do 7º semestre do curso de Ciências Econômicas na Universidade Federal de Mato Grosso/ Campus Cuiabá.

Sheila Cristina Ferreira Leite

Docente da Faculdade de Economia na Universidade Federal de Mato Grosso/Campus Cuiabá.

Resumo

O presente artigo é um estudo de caso que tem como objetivo analisar os dados obtidos através do questionário aplicado no momento da inscrição dos participantes do projeto de extensão "Economia em pauta: dialogando conjunturas regional, nacional e internacional", celebrado na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pólo Cuiabá/MT, cuja proposta é desenvolver e aprimorar as habilidades e competências cognitivas desses alunos por meio da discussão de conjunturas econômicas. Foi utilizado o ferramental da estatística descritiva para a organização e análise dos dados de modo que se constatou que a hipótese inicial proposta pelo projeto era válida: os discentes realmente apresentam dificuldade em relacionar a teoria exposta em sala de aula com as demandas enquanto profissional.

Palavras-Chave:

Discussão, Habilidades, Competências.

Abstract

This paper is a case study that aims to analyze the data obtained through the questionnaire administered at the participants' registration in the university extension project "Economics on the agenda: discussing regional, national and international conjuncture" held at the Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus of Cuiabá/MT. Its purpose seeks the development and enhancement of cognitive abilities and competences of these students through discussion of economic situations. Descriptive statistics was the tool utilized in the organization and analysis of data for which it has shown that the initial hypothesis proposed by the project was valid: the students really have difficulty in relating the theory exposed in the classroom with the demands as a professional.

Keywords:

Discussion, Abilities, Competences.



INTRODUÇÃO

“Será que estou de fato preparado para o mercado de trabalho que me aguarda após a conclusão do ensino superior?” Esta é a pergunta que, muitas vezes, não se cala quando um graduando está prestes a se formar. O se sentir preparado advém da confiança do graduando quando o mesmo possui o conteúdo e consegue aplicá-lo no seu cotidiano e expô-lo na escrita ou verbalmente de forma confortável. Caso supõe-se que há munição de conteúdo, onde está o problema? Houve falta de preparação? Que tipo de preparação?

Nota-se que em muitos cursos das áreas de ciências humanas e sociais aplicadas ministrados nas faculdades, os discentes adquirem vasto conhecimento teórico. No entanto, lhes carecem experiência prática durante o período da graduação, dado, em parte, pela extensa quantidade de conteúdos a serem trabalhados em cargas horárias limitadas. Por isso, a aplicabilidade do conhecimento adquirido em sala de aula é, muitas vezes, pouco abordada através de discussões e debates conjunturais, e os alunos acabam concluindo sua formação acadêmica sem o necessário desenvolvimento das competências e habilidades cognitivas para adequação das teorias à análise e compreensão da realidade que os cerca. Além do mais, o mercado de trabalho acaba cobrando essas habilidades e competências desses mesmos discentes, onde estes embasados de teorias podem não conseguir ser tão práticos fazendo com que sejam menos favorecidos no mercado de atuação. Freire (1983) já dizia que “se a teoria e a prática são algo indicotomizável, a reflexão da ação ressalta a teoria, sem a qual a ação (ou prática) não é verdadeira”.

Faz-se necessário, assim, uma abordagem mais aplicada entre os discentes das principais temáticas que marcam a atualidade, por exemplo, através da discussão em grupo de notícias, conjunturas e da realidade em geral que o mundo se enquadra. Deste modo, espera-se que estes possam entrar no mercado de trabalho ou continuar na academia de fato capacitados a empregar o conhecimento teórico adquirido às situações reais que o cotidiano exige.

Através deste contexto, o projeto de extensão “Economia em pauta: dialogando conjunturas regional, nacional e internacional”¹ foi criado de forma a estabelecer um pré-diagnóstico da situação em que os discentes se encontram quanto a maneira com que adéquam a teoria a prática através de discussões e identificar onde está problema, se é que há. Para este fim, foi elaborado um questionário juntamente com a ficha de inscrição de onde foi retirado as informações para a elaboração deste artigo.

O objetivo geral deste artigo é contribuir para a análise da realidade dos discentes participantes do referido projeto de extensão quando estes são expostos a situações cotidianas que exigem teoria. Para isso, foi feita uma análise estatística descritiva dos resultados e cruzamento das informações obtidas.

As hipóteses a serem consideradas neste artigo consistem em: os discentes possivelmente apresentam dificuldades na aplicação da teoria a situações cotidianas e por isso podem ter sua vida no mercado de trabalho prejudicada; discentes que estudaram em escolas particulares durante o Ensino Fundamental e Médio estão mais propensos a serem desenvolvidos quando o assunto é a teoria posta em prática; e discentes insatisfeitos com a metodologia têm absorção menor do conteúdo ensinado e por isso não conseguem aplicá-lo no seu cotidiano.

Este trabalho se divide em: Referencial Teórico, Metodologia, Resultados, Considerações Finais, Notas e Referências Bibliográficas.



REFERENCIAL TEÓRICO

A abordagem teórica para o desenvolvimento de competências e habilidades cognitivas nos discentes através de grupos de discussões consiste na lógica dos conceitos do sistema cognitivo, habilidade, inteligência e competência utilizada na Psicologia.

O processamento das informações e conhecimento é organizado em cadeias de unidades simples e/ou complexas em banco de estruturas que constituem o sistema cognitivo. Desta forma, conforme uma situação-problema surja, o sistema cognitivo responde com a aplicação de certos componentes nele contido. Este fato varia de acordo com as habilidades, competências e inteligências que o indivíduo possui (PRIMI et al., 2001).

Primi et al. (2001) sintetizam diversas teorias da Psicologia sobre habilidades, competências, sistema cognitivo e inteligência em seus trabalhos. Esses aspectos abordados servirão para entender o link entre grupo de discussões e o desenvolvimento de habilidades e competências cognitivas e seus benefícios para os discentes.

A habilidade é definida como o potencial de um indivíduo representado pelas realizações ou desempenhos (facilidade) em tarefas, resoluções de problemas e conhecimento de determinado conteúdo. Já a competência implica que o potencial de realização chegou a determinado nível de maestria obtido por investimentos em experiências de aprendizagem. Daí é fácil observar que muitos discentes apresentam habilidade em certos conteúdos, porém lhes falta a competência. O contrário se faz falso, pois é necessário ter habilidade para então adquirir competência. Desta forma, destacam-se três fatores associados ao “desenvolvimento de competência: habilidade, montante de investimento e qualidade das experiências de aprendizagem” (PRIMI et al., 2001).

Outra concepção de competência é dada por Miranda (2006) que ressalta que esta

Também pode ser considerada como uma ‘construção social’, que representa a forma pela qual uma pessoa pode dotar-se de possibilidades para construir sua ação no mundo que a cerca, relacionando o conhecimento e sua aplicação. O entendimento da competência em suas naturezas cognitiva, social e psicológica (conhecimentos-habilidade-attitudes) revela a complexidade do processo de aprendizagem que relaciona o pensamento à ação. O que determina a competência do indivíduo são o conhecimento social e a inteligência prática (inteligência fluida).

Baseado nestes conceitos citados, Primi et al. (2001) diferencia “a inteligência cristalizada (que prioriza o conhecimento) e inteligência fluida (que prioriza o raciocínio)”.

A primeira refere-se à extensão e profundidade das informações adquiridas via escolarização, que geralmente são usadas na resolução de problemas semelhantes aos que se aprendeu no passado, ou ao “estoque” acumulado de conhecimentos, isto é, esquemas organizados de informações sobre áreas específicas do conhecimento. A segunda refere-se à capacidade de processamento cognitivo, isto é, à capacidade geral de processar informações (por exemplo, relacionar ideias complexas, formar conceitos abstratos, derivar implicações lógicas a partir de regras gerais) ou às operações mentais realizadas quando se resolvem problemas relativamente novos, para os quais existem poucos conhecimentos previamente memorizados. Esta capacidade implica na criação de estratégias a partir da organização das informações disponíveis na situação e da

reorganização de esquemas disponíveis em nosso estoque de conhecimentos.

Sendo assim, pode-se deduzir que a habilidade está ligada a inteligência cristalizada e que a competência a inteligência fluída, pois é onde há complexidade e maestria na utilização do conhecimento adquirido juntamente com o raciocínio. Disso, infere-se que os discentes, público alvo do projeto, são imbuídos da inteligência cristalizada e que a fluída não está completamente desenvolvida, necessitando assim ser mais bem trabalhada.

Considerando a inteligência cristalizada referida por Primi et al. (2001), Aufschneider et al. (2008) fez um estudo com estudantes do 3º ano do ensino médio, onde observou-se que os estudantes dependem de suas experiências e conhecimentos prévios para se engajarem em argumentações durante uma discussão. Além do mais, eles apontam que a atividade de discutir (argumentar) possibilita que os estudantes consolidem seus conhecimentos pré-existent e desenvolvam o entendimento científico a níveis relativamente altos de abstração. Os resultados da pesquisa sugeriram também que os estudantes conseguem chegar a uma alta qualidade de argumentação mesmo com baixo nível de abstração, porém o conhecimento prévio deve ser consistente. O que indica se a argumentação será de alta qualidade ou não está na familiaridade e entendimento do conteúdo da atividade proposta. A maior implicação deste trabalho de desenvolvimento da argumentação em sala de aula elaborado por Aufschneider et al. (2008) está na necessidade de considerar a natureza e extensão de experiências e conhecimentos específicos do conteúdo antes do engajamento na argumentação. Deste ponto, deduz-se que a inteligência cristalizada, composta pelo estoque de conhecimentos prévios sobre determinados assuntos, é a base para a inteligência fluída. Esta podendo ser desenvolvida através da exposição de desses conhecimentos prévios a novas situações, fazendo com que as pessoas imbuídas deste estoque possam desenvolver um novo raciocínio em discussões, resoluções de problemas e nas mais diversas situações do cotidiano.

Paulo Freire (1983, Cap. 1, p. 15) coloca o verdadeiro conhecimento como já sendo a inteligência fluída:

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato.

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas.

Neste trecho de seu livro, fica claro que aquele que possui o conhecimento vive se transformando e assim transformando seu mundo, pois ele é capaz de aplicá-lo em diversas situações. E é isso que a inteligência fluída aborda: o raciocínio para a aplicabilidade daquilo que se aprendeu nas diversas problemáticas enfrentadas no dia a dia. Essa competência cognitiva é de suma importância nos dias atuais, tanto na vida pessoal como profissional, pois para que adianta ter estudado tantos anos sem se poder aplicar aquilo que se aprendeu?



Considerando o ponto de vista econômico, Hanushek e Woessmann (2008) ressaltam em seu trabalho que há forte evidência de que as habilidades/competências cognitivas são fortemente relacionadas aos níveis de salários individuais, distribuição de renda e crescimento econômico de um país. Eles concluem que a mera educação nas escolas, mesmo melhorada, não surtem tanto efeito econômico quando estas instituições se empenham para desenvolver as habilidades cognitivas de seus estudantes. Seus resultados empíricos mostram a importância das competências tanto em níveis mínimos quanto altos, a complementaridade das competências, a qualidade das instituições econômicas e a robustez da relação entre habilidades e crescimento. As comparações internacionais que incorporam dados expandidos em habilidades cognitivas revelam déficits de habilidades muito maiores nos países em desenvolvimento. Assim, uma mudança em como a educação vem sendo conduzida e aplicada deve ser levada em consideração para reduzir a vala que separa o mundo desenvolvido do em desenvolvimento.

Grupos de discussão podem ser um primeiro e importante passo para essa nova trajetória do desenvolvimento das habilidades e competências cognitivas. Estes grupos existem desde os primórdios da história da civilização ocidental. Já na Antiga Grécia, os filósofos utilizavam dessa prática para disseminar suas ideias e promover o conhecimento, além de ajudá-los a desenvolver seu próprio raciocínio. Alguns exemplos como Sócrates, Platão e Aristóteles são os mais conhecidos. Por isso, essa prática seria um bom começo para o alcance do referido desenvolvimento.

De acordo com Kitzinger (1994), grupos de foco são grupos de discussões organizados para explorar um assunto específico. O termo foco é utilizado para destacar que o grupo está envolvido em uma atividade coletiva e de interação entre os membros. Assim, a utilização de grupos de discussão tem sido abordada por muitos pesquisadores para obtenção de informações associadas a um assunto proposto. E desde então, esse método tem trazido grandes resultados no desenvolvimento de competências cognitivas.

O trabalho em grupo assegura que há uma hierarquia de importância entre as prioridades dadas pelos participantes e seus conceitos sobre o mundo em geral. Não se leva em conta somente o consenso, as diferenças nas abordagens se fazem necessárias. Os participantes nem sempre terão um pensamento homogêneo, ou concordarão um com outro, mas haverá questionamentos e/ou persuasão para validar seu ponto de vista.

Durante a discussão o facilitador/professor deverá explorar as diferenças de opinião e encorajar os participantes a discutir o porquê da divergência. Isso fará com que os participantes elucidem o porquê dos pensamentos e opiniões por eles assumidos bem como permitirá identificar aspectos pessoais que os influenciaram de alguma forma (KITZINGER, 1994). O propósito destes será examinar como o conhecimento e ideias se desenvolvem e operam em um contexto cultural e prático. Eles servem para preencher os espaços nas lacunas que faltam em alguma ideia, teoria ou conhecimento.

Segundo Kitzinger (1994), pode-se citar alguns benefícios da interação entre os participantes:

- destaca as atitudes, prioridades, linguagem e construção de entendimento dos participantes;
- encoraja uma grande comunicação entre os participantes;
- providencia uma base de como a operação em grupo processa na articulação do conhecimento;
- facilita a expressão de ideias e experiências.

Em um grupo de discussão, os participantes dividem amostras de seus argumentos e fatos a cerca de um determinado assunto de domínio. Quando não há dominação completa por parte dos participantes, os mesmos tendem a adquirir novas informações um dos outros. Mesmo que os membros saibam bastante sobre o assunto, eles podem não se lembrar de

tudo, e por isso a discussão em grupo facilita recapitulação dos tópicos. Desta forma, a tomada de qualquer decisão é facilitada com o acúmulo de informações (STASSER et al., 1995). Este acúmulo de informações e os benefícios da interação entre os participantes fazem com que eles desenvolvam seu conhecimento e sua inteligência fluida, habilitando-os a manejar a teoria da melhor forma possível e assim criar novas teorias.

METODOLOGIA

Este artigo constitui um estudo de caso do projeto de extensão “Economia em pauta: dialogando conjunturas regional, nacional e internacional”, cuja análise parte do resultado de dados primários obtidos das questões elaboradas na ficha de inscrição do projeto de extensão “Economia em pauta: dialogando conjunturas regional, nacional e internacional”.

O projeto em estudo visa desenvolver e aprimorar as competências e habilidades cognitivas dos acadêmicos, especialmente das áreas de humanas e ciências sociais aplicadas da cidade de Cuiabá, a cerca de temas e conjunturas econômicas atuais, de modo a melhor prepará-los e qualificá-los para a atuação na academia e/ou no mercado de trabalho. O projeto também visa estimular a aplicação das teorias econômicas na compreensão e análise da realidade do mundo, a partir das matérias e notícias veiculadas cotidianamente pelos meios de comunicação. Assim, por meio do debate em grupo, une-se o teórico ao aplicado através da argumentação e exposição de diferentes ideias e opiniões dos participantes.

A divulgação do projeto se deu por panfletos anexados nos murais e apresentação a cerca de 300 alunos diretamente em sala de aula nos cursos de Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Administração dos turnos matutino e noturno da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Houve também divulgação no Mestrado de Agronegócios e Desenvolvimento Regional do mesmo instituto federal e nos cursos de Direito e Administração da Universidade de Cuiabá (UNIC).

Dos alunos alcançados, 41 efetuaram a inscrição no projeto até a data limite. Estas se estenderam por sete dias e foram realizadas pelo formulário disponível na plataforma Google Drive durante a terceira semana do mês de junho de 2013. O aluno interessado enviava um e-mail para a conta *Gmail* do projeto e os alunos coordenadores voluntários respondiam com a ficha de inscrição e um informativo do projeto.

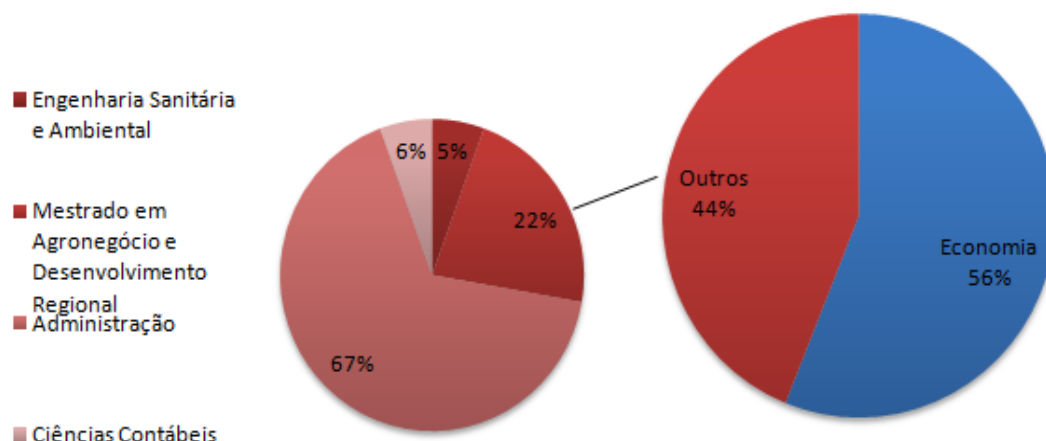
Além das perguntas de cunho cadastral como nome, curso, semestre, registro acadêmico e e-mail, foram aplicadas 15 perguntas adicionais relacionadas à motivação em participar do projeto, satisfação com a metodologia utilizada pelos professores em sala de aula, nível de absorção do conteúdo em sala, o nível de aplicabilidade do que é aprendido, tipo de instituição que concluiu o ensino fundamental e médio e se nesta foi exposto a debates durante, e finalizando o nível de instrução anterior, se o aluno se sente preparado ao argumentar sobre algum assunto de sua área. Para as análises desenvolvidas foram utilizadas estatística descritiva.

RESULTADOS

A população de investigação analisada neste estudo é composta por 41 observações com idade média de 22 anos e 58% sendo representado por mulheres. A participação se deu somente por estudantes da UFMT, pois apesar de ter sido divulgado em outra instituição, não houve interesse dos discentes daquela no curso. Observou-se que os participantes cursam do terceiro ao sétimo semestre dos cursos de graduação em Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Administração, havendo ainda 1 inscrito no curso de Engenharia Sanitária, e outros 4 do Mestrado de Agronegócios e Desenvolvimento Regional. Esta multidisciplinaridade com alunos de diversos cursos e níveis de educação contribui com a solidificação de conceitos, dado que cada indivíduo exibe diferente nível de

desenvolvimento do sistema cognitivo, habilidades e competências, o que proporciona abordagens variadas do mesmo assunto.

Figura 1. Porcentagem de inscritos cursando Economia, destacando os dos outros cursos.



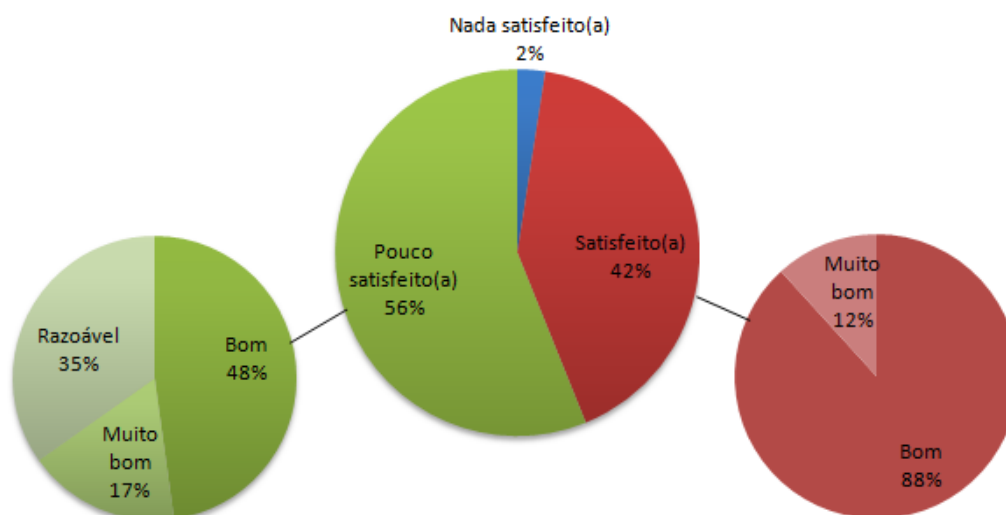
Fonte: Elaborado pelos autores (2013).

Por se tratar de um projeto de discussão de conjunturas econômicas, é de se deduzir que a porcentagem de discentes de Economia com interesse pelo projeto seja maior. E de fato o foi pelo que se pode ver na Fig. 1, porém é interessante observar que os de Administração têm um peso expressivo neste panorama. Isso pode ser explicado pela utilidade que o entendimento de assuntos econômicos pode ser um diferencial quando os mesmo estão no mercado de trabalho.

Observou-se ainda que cerca de 58% dos participantes estudaram em escola particular durante o ensino fundamental, considerando que 67% deste montante foram expostos a debates e situações em que precisaram argumentar e expor opiniões nas disciplinas e trabalhos. Da mesma forma, os dados mostram que para os estudantes da escola pública, este cenário de exposição a debates esteve presente com cerca de 55%. Já no ensino médio, os participantes da escola particular representam 68% dos inscritos, sendo que 93% foram expostos a debates, contra 77% na escola pública. Este fato evidencia o maior incentivo nas escolas particulares em detrimento das escolas públicas para que seus alunos realizem debates e exposição de opiniões. Logo, espera-se que esses estudantes, possivelmente, estejam mais preparados para articularem com maior facilidade assuntos a que foram expostos, ou seja, com a habilidade de argumentação e clareza em uma explicação mais desenvolvida e inteligência fluída mais aguçada.

No que tange a situação destes alunos no ensino superior como mostrado na Fig. 2, detectou-se pelo questionário que 56% deles estão pouco satisfeitos com a metodologia utilizada em sala de aula. Dentre as justificativas apresentadas está metodologia deficitária, aulas altamente teóricas e pouco práticas, e a falta interação com assuntos externos e atuais. Ainda assim, 35% destes disseram apresentar um nível razoável de absorção do conteúdo, enquanto o restante apresenta um nível bom, mesmo que com baixo nível de satisfação. Os outros 44% inscritos declararam estar satisfeitos com a metodologia, e todos apresentaram um nível bom ou muito bom de absorção do conteúdo. Estes argumentaram sobre a boa qualificação e comprometimento dos professores e o bom conteúdo passado, muito embora tenham também sugerido que algumas metodologias sejam revistas, de modo a melhorar a aprendizagem e absorção do conteúdo pelos alunos.

Figura 2. Porcentagem de satisfeitos com a metodologia de ensino em sala de aula e a porcentagem de absorção (muito bom, bom e razoável) do conteúdo para os poucos satisfeitos e os satisfeitos.



Fonte: Elaborado pelos autores (2013).

Com isso, vê-se que a metodologia pode ser um dos fatores que influencia no comportamento da absorção do conteúdo pelos discentes, ou seja, se a metodologia fosse melhor a absorção do conteúdo poderia ter resultados mais eficazes fazendo com que os discentes estivessem mais munidos de conteúdo da área em que estudam.

Eis um ponto em que chama atenção: 86% dos alunos conseguem aplicar pouco do que é aprendido em sala de aula à realidade, enquanto 7% consegue aplicar tudo e os demais 7% declararam que não consegue aplicar nada. Aqui fica evidente que a teoria passada em sala de aula não é transmitida aos estudantes de forma que estes consigam aplicá-la efetivamente à realidade. Conforme declarado, esta não aplicabilidade liga-se tanto a não atuação no mercado de trabalho, quanto a falta de aplicabilidade de certos conteúdos ministrados. E então, se não conseguem aplicar o aprendido à realidade, como vão estar preparados para o mercado de trabalho ou mesmo para a academia em estudos de caso, análises de dados e etc.?

Outro ponto a ser enfatizado é que 51% dos participantes se sentem despreparados quando solicitados a argumentar ou fazer uma explicação oral sobre determinado assunto na área em que estudam. Tal fato pode estar relacionado a não competência de relacionar a teoria à realidade, fazendo com que os alunos se sintam inseguros e despreparados, mesmo apresentando embasamento teórico para tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conclui-se que mesmo pouco satisfeitos com a metodologia, os discentes tem boa absorção do conteúdo ministrado em sala de aula, refutando parte de uma das hipóteses deste trabalho, mas se dizem não estar preparados para discorrer sobre ele, e pouco conseguem aplicar o mesmo em seu cotidiano. Assim, é evidente que muitos deles podem ter a inteligência cristalizada, porém a inteligência fluida parece ser pouco desenvolvida, isto observado quando eles mesmos alegam que conseguem aplicar pouco

do que aprendem em sala em seu cotidiano. Sem a inteligência fluida, os mesmos terão dificuldades em aplicar a teoria aprendida na prática. Assim, podem ter problema no mercado de trabalho, começando pelo processo de seleção que, muitas das vezes, avalia a capacidade de raciocínio do candidato.

Embora alguns dos discentes tenham sido expostos a discussões e debates no Ensino Fundamental ou Médio, pode-se dizer que para os assuntos abordados naquela época, eles tinham suas competências cognitivas mais desenvolvidas. Todavia quando iniciaram o nível superior, com conteúdos diferentes e mais avançados, pelo fato de os professores não abordarem metodologias que desenvolvessem as habilidades e competências cognitivas neste novo período, esses aspectos cognitivos acabaram se tornando inativos. Portanto, pode ser verdadeira a hipótese de que discentes que estudaram em escolas particulares durante o Ensino Fundamental e Médio estão mais propensos a serem desenvolvidos quando o assunto é a teoria posta em prática, levando em conta que eles podem ter mais facilidade e não que consigam realmente colocar a teoria aprendida em prática.

Visto que o principal problema observado na amostra analisada está na falta de desenvolvimento das competências e habilidades cognitivas dos acadêmicos quanto à aplicação das teorias à realidade, o projeto de extensão proposto visa aprimorar e desenvolver este aspecto entre os acadêmicos, de modo que estes se sintam mais preparados nas suas argumentações de temas já estudados e na compreensão e análise da realidade do mundo, a partir das matérias e notícias veiculadas cotidianamente pelos meios de comunicação. Esta primeira análise e o desdobramento do projeto servirão para diagnósticos mais profundos e estudos de maior abrangência sobre a problemática aqui iniciada.

NOTAS

¹ Projeto de extensão “*Economia em pauta: dialogando conjunturas regional, nacional e internacional*”, aprovado no edital XXXX da UFMT, sob protocolo de número XXXX, sob coordenação de XXXX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUFSCHNAITER, Claudia von et al. Arguing to Learn and Learning to Argue: case studies of how students' argumentation relates to their scientific knowledge. **Journal Of Research In Science Teaching**, Wiley InterScience, Reino Unido, vol. 45, no. 1, p. 101–131, 2008.

Disponível em: < <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/tea.20213/pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: 7ª ed., Paz e Terra, 1983. Disponível em:

<http://forumeja.org.br/files/Extensao_ou_Comunicacao1.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2013.

HANUSHEK, Eric A.; WOESSMANN, Ludger. The Role of Cognitive Skills in Economic Development. **Journal of Economic Literature**, Vol. 46, No. 3, p. 607-668, set. 2008.

Disponível em: <

http://www.citizing.org/data/projects/highered/The%20Role%20of%20Cognitive%20Skills%20in%20Economic%20Development%20Hanushek_Woessmann%202008.pdf> Acesso em: 3 jun. 2013.

KITZINGER, Jenny. The Methodology of Focus Groups: the importance of interaction between research participants. **Sociology of Health & Illness**, Glasgow University Media

Group, Vol. 16, No. 1, 1994. Disponível em: <
<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9566.ep11347023/pdf>>. Acesso em: 10 jun.
2013.

MIRANDA, Silvânia. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as
competências informacionais? **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006.
Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2013.

PRIMI, Ricardo et al. Competências e Habilidades Cognitivas: diferentes definições dos
mesmos construtos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Universidade São Francisco, vol. 17 n.
2, pp. 151-159. Mai-Ago 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v17n2/7875>>.
Acesso em: 17 jun. 2013.

STASSER, Garold; STWART, Dennis; WITTENBAUM, Gwen. Expert Roles and Information
Exchange during Discussion: the importance of knowing who knows what. **Journal of
Experimental Social Psychology**, Miami University, 31, p. 244-265, 1995. Disponível em: <
[http://ac.els-cdn.com/S0022103185710128/1-s2.0-S0022103185710128-
main.pdf?_tid=5d50379c-1192-11e3-be1f-
00000aab0f02&acdnat=1377880788_57d69274417e9a089ff8b97cef13a499](http://ac.els-cdn.com/S0022103185710128/1-s2.0-S0022103185710128-main.pdf?_tid=5d50379c-1192-11e3-be1f-00000aab0f02&acdnat=1377880788_57d69274417e9a089ff8b97cef13a499)>. Acesso em: 5
jul. 2013.